

O Brasil do século XVI na poesia novilatina do escocês George Buchanan¹

ANTÓNIO GUIMARÃES PINTO²

ICHL, DLLP, Universidade Federal do Amazonas

Abstract: In this article we provide a contextualized and commented translation of George Buchanan's poetic compositions concerning Brazil. In addition, we have opted to include the translation of a few other poems by the Scottish humanist directly pertaining to Portuguese people and affairs.

Keywords: Brazil; George Buchanan; homosexuality; Belchior Belego; anti-Semitism; nicotine.

Introdução

O ano de 1500 representa não só o ano do “achamento” oficial do Brasil pela Coroa Portuguesa, como também o início do século em que na Europa alcança o seu mais vasto desenvolvimento o movimento cultural que se designa por Humanismo. No presente trabalho enlaçaremos estas duas grandiosas e bem conhecidas realidades através da apresentação e breve comentário de alguns poemas de um literato escocês, hoje quase ignorado pela circunstância, para ele infeliz, de ter-se servido de um idioma que tem vindo a ser votado a um quase generalizado desdém: o Latim. Mas, antes de avançarmos, convém desde já esclarecer o conceito de Humanismo, palavra da qual vemos usar-se e abusar-se com uma imoderação que normalmente denuncia confusão ou emprego indébito por parte dos usuários.

¹ Texto recebido em 26.10.2011 e aceite para publicação em 29.12.2011. O estudo que vai ler-se é, em parte, a forma refundida e ampliada de uma palestra, proferida a 8 de Abril de 2010, e integrada na Semana de Letras, promovida pelos alunos do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas, Manaus. A circunstância de ter tido como primeiro destinatário um público não especializado explica a elementaridade de alguns dos conceitos e fatos expendidos, talvez rebarbativos para o leitor mais erudito, a quem se pede compreensão e vênua.

² aguimaraesp@gmail.com

Ora, por Humanismo entendemos a corrente cultural que, iniciada pelo italiano Petrarca no século XIV, se caracterizou pelo desejo de restituir à língua culta da Europa ocidental — o Latim — a pureza e elegância que ela possuía quando era também a língua viva dos cidadãos romanos, sobretudo do século I a. C.. Para a realização deste desiderato inicia-se então uma procura generalizada de antigos manuscritos que contivessem os textos o mais possível puros dos grandes clássicos, objeto agora de um culto quase religioso: Cícero, Ovídio, Tito Lívio, Virgílio, Horácio, Tibulo, etc.. Ganha um rigor até então desconhecido aquilo que hoje chamamos crítica textual e o ensino do Latim passa a fazer-se numa perspectiva em que, paralelamente com as necessidades pragmáticas, que continuam muito vivas, pois o Latim é também a língua franca que torna possível a comunicação dos europeus entre si, se dá um realce novo à componente estética, propondo-se à imitação dos discípulos os modelos dos mestres consagrados e agora em parte ressuscitados ou desempoeirados. Foi deste modo que se tornou possível o surgimento, nos séculos XIV e XV, de autores que maneжaram um latim de uma grande qualidade literária e no qual vazaram obras de genuína inspiração. Citemos apenas alguns nomes, notando desde já a procedência italiana de todos eles: o já referido Petrarca [1304-1374] (hoje quase exclusivamente lembrado pela sua produção em italiano, língua literária que em grande parte, juntamente com Dante, contribuiu para criar), Enea Silvio Piccolomini [1405-1464] (o qual, como Papa, se chamou Pio II), Giovanni Gioviano Pontano [1429-1503], Michele Marullo [c. 1453-1500], Angelo Poliziano [1454-1494] e Giovanni Pico della Mirandola [1463-1494].

A corrente humanista alastra-se no século XV a toda a Europa Ocidental e pode dizer-se que durante todo o século XVI conhece o seu apogeu, agora grandemente potenciado com a generalização da imprensa e o novo incremento dado ao ensino universitário. É também no século XVI que surgem no horizonte as primeiras nuvens prenunciadoras do fim do Latim e da sua

crescente substituição pelas línguas vernáculas: de fato, uma das bandeiras arvoradas pelo movimento da Reforma protestante foi precisamente a utilização das línguas nacionais nos cultos religiosos e nas traduções das Sagradas Escrituras, cabendo mesmo a Martinho Lutero o papel de criador do alemão moderno através da sua versão da Bíblia e dos inúmeros livros e apaixonados panfletos em que defendeu as suas doutrinas. Mesmo assim, no século XVI o domínio do Latim no campo científico, cultural e sobretudo religioso pode dizer-se que é geral, sendo ainda redigidas no idioma do Lácio as grandes obras de ruptura ou de crítica social (tomando estes conceitos em sentido lato) que marcaram esta centúria. Por exemplo: a *Assertio omnium articulorum M. Lutheri per Bullam Leonis X nouissimam damnatorum*, Vitemberga, 1520, e o tratado teológico *De seruo arbitrio*, Vitemberga, 1525, ambas do já citado Lutero; a *Christianae Religionis Institutio*, Basileia, 1535, de João Calvino; o *De reuolutionibus orbium coelestium*, Nuremberga, 1543, de Nicolau Copérnico; o *Enchiridion militis christiani*, Lovaina, 1503 [integrando, com mais dois escritos, o volume intitulado *Lucubratiunculæ*], e o *Encomion moriae seu stultitiae laus*, Basileia, 1511, de Erasmo de Roterdã, foram todos eles inicialmente escritos em Latim e foi nesta língua que alcançaram a ampla divulgação que permitiu fazer deles motores determinantes do pensamento e da visão do mundo dos nossos antepassados do século XVI.

Posto isto, será também importante atentar num detalhe que decorre da menção dos dois últimos nomes que citei: o polonês Copérnico e o holandês Erasmo. Ou seja, a meridiana evidência de que nenhum de ambos teria alcançado a fama e prestígio de que gozaram se tivessem veiculado o seu pensamento nas respetivas línguas maternas. Vemos assim que se deve à universalidade do Latim o nivelamento democrático perante a cultura que se verificou entre todos os povos e países da Europa Ocidental do século XVI, o que permitiu que o Autor mais lido desta época fosse um humilde plebeu originário de uma pequena nação cuja língua nativa se confinava aos estreitíssimos limites dos Países Baixos e

escassamente ultrapassaria os dois milhões de falantes. E a verdade é que, além do exemplo extremo de Erasmo, vamos assistir nesta época ao pulular no mundo das letras de uma grande quantidade de prosadores e poetas procedentes das mais diferentes culturas e idiomas, congregados todos eles naquele setor da literatura, hoje bastante descuidado pelos investigadores e historiadores da Cultura, e que é de uso designar-se por literatura novilatina. É assim que se compreende que entre, os nomes mais eminentes das letras do século XVI, podem fazer enfileirar alguns dos seus filhos nações geograficamente marginais, como o nosso Portugal, pátria de D. Jerônimo Osório, um dos Autores mais prestigiados e editados na Europa da segunda metade do século e que, pela elegância do seu Latim, mereceu o honroso apelativo de “Cícero Lusitano”, ou politicamente insignificantes, como é o caso da bravía e montanhosa Escócia, terra-mãe do poeta de que neste artigo irei ocupar-me, George Buchanan.

Decorre também desta universalidade do conhecimento e prestígio da língua latina outra consequência nada desprezível, e que é a ampla e livre circulação a que então se assiste de académicos, os quais, independentemente do seu país de origem, tanto podiam estudar como exercer a atividade docente em qualquer escola de todo o espaço europeu, uma vez que o ensino superior era exclusivamente (e foi-o por bastante mais tempo) ministrado na língua latina. Era uma época em que, com relação aos mestres universitários, se podia aplicar com alguma propriedade a conhecida frase de Tácito: *Haud semper errat Fama, aliquando et eligit*. [“A Fama nem sempre se engana: por vezes até acerta”. *Agricola*, 9. 8] Funcionavam como sempre as leis económicas da demanda e da oferta, alargando-se então o mercado de trabalho por todo o espaço da Europa Ocidental, numa curiosa antecipação da atual Comunidade Europeia, com a diferença não despicienda de que os filhos das nações menos poderosas não tinham de sentir-se na humilhante e triste necessidade de ser obrigados a falar na

língua das poderosas, e tragar e calar agravos muitas vezes seculares.

Breve esboço biográfico de George Buchanan³

George Buchanan nasceu em torno do mês de Fevereiro de 1506 no condado escocês de Stirling, perto de Glásgua, no seio de uma família com poucos recursos econômicos. Graças à ajuda de um tio materno, fez estudos superiores em França, recebendo o seu grau de Mestre em Artes, em 1528, ano no qual o encontramos como regente de gramática (latina) no célebre Colégio de Santa Bárbara, de Paris, cujo Principal era o sacerdote português Diogo de Gouveia e em cujas instalações residiram dezenas de estudantes portugueses, beneficiários das bolsas que os soberanos D. Manuel e D. João III generosamente concederam aos seus vassallos de maiores dotes intelectuais, obviando por esta forma aos fracos méritos da Universidade Portuguesa, que só em 1537, com a mudança de instalações de Lisboa para Coimbra, irá conhecer uma renovação e prestígio relativamente duradouro. É pelo ano de 1529 que o jovem escocês trava na cidade do Sena sólida amizade com três portugueses: André de Gouveia, sobrinho do Principal de Santa Bárbara, João da Costa e Diogo de Teive,⁴ que serão deter-

³ Sobre a vida e obra deste Autor, as obras de referência ainda hoje continuam sendo: Ian McFarlane, *Buchanan*, Londres, Duckworth, 1982, e Philip J. Ford, *George Buchanan, Prince of Poets*, Aberdeen University Press, 1982.

⁴ Veja-se mais à frente, em Apêndice, a transcrição e tradução de um poema em que Buchanan revela a profunda amizade que o unia a Teive e a Antônio de Gouveia, irmão do Principal André. Ao primeiro, chama-lhe inclusivamente: *altera pars animae, Teui Iacobe, meae* (“ó Diogo de Teive, segunda metade da minha alma”), numa poesia escrita em 1541, numa ocasião em que o escocês se via tolhido e atenazado pelo mal da gota, e que esclarecedoramente intitulou: *Ad Ptolom. Luxium Tastaenum et Iacobum Teuium, cum articulari morbo laboraret*. Veja-se: *Georgii Buchanani Scoti Poemata quae extant*, Amsterdã, apud Henricum Wetstenium, 1687, p. 309. Todas as citações que doravante fizermos da obra do poeta escocês procedem desta edição.

minantes no seu futuro destino. Em 1535 retorna à sua Escócia natal, ali escrevendo, a pedido do rei Jaime V, um violento poema anti-monástico, denominado *Franciscanus*, cujo texto definitivo só será aliás publicado em 1560. Em 1539 vêmo-lo de novo na França, onde lhe é confiado pelo Principal do Colégio de Guiena, em Bordéus, o seu amigo André de Gouveia, a regência da 1ª classe de Gramática e depois as cadeiras de Grego e de Artes, que ocupou até Julho de 1544. Três anos depois, o mesmo Gouveia o convida a fazer parte da equipa de mestres universitários que, a pedido de D. João III, reunira em França, e destinados a lecionarem no Colégio das Artes, instituição de ensino criada pelo rei *Piedoso* um pouco à imagem do célebre Collège Royale parisiense, e que integrava a Universidade de Coimbra, cabendo-lhe as funções de ministrar, em muitos casos em regime de internato, não só o ensino preparatório (não existia então o correspondente aos atuais cursos médios) que permitiria aceder aos diferentes cursos superiores (Teologia, Direitos Canónico e Civil e Medicina), mas também uma sólida base que, em termos muitos simplistas, poderíamos aproximar das modernas graduações nas áreas das Ciências Humanas (com realce para o Latim, a Dialética, a Retórica e a Oratória) e das Ciências Exatas (Matemática, Astronomia, Física Aristotélica e Música).

É em Março de 1547 que o nosso Autor e seus companheiros deixam a França e se dirigem para Portugal, celebrando-se em 21 de Fevereiro de 1548 a solene abertura, em Coimbra, do recém-criado Real Colégio das Artes, pronunciando então um elegante discurso latino o francês Arnaldo Fabrício. Mas nada como dar a palavra ao próprio Buchanan, que se refere à sua estada em terras

Curiosamente, volvidos mais de vinte anos, Diogo de Teive usa uma expressão quase igual à utilizada pelo amigo escocês, quando, no v. 10 do seu *Hymnus diuo Vicentio martyri*, a ele se refere nos seguintes termos: *Bucanus, animae pars meae* (“Buchanan, pedaço da minha alma”). Veja-se: Diogo de Teive, *Epodon siue iambicorum carminum libri tres*, Lisboa, Francisco Correa, 1565, 132.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 14 (2012)

lusitanas nos termos seguintes, na *Vita ab ipso scripta biennio ante mortem*, ou seja, “Autobiografia do Autor, escrita dois anos antes da sua morte”, isto é, redigida em 1580, e na qual, ao modo de Júlio César e com o propósito de inculcar maior objetividade narrativa, George Buchanan se refere a si mesmo na terceira pessoa. Ouçamo-lo, pois, na tradução que perpetrei:

[3* vº] (...) Chegou por esta altura carta do rei de Portugal, na qual se ordenava a Gouveia que trouxesse consigo varões consumados nas letras gregas e latinas, para que ensinassem literatura e os rudimentos da filosofia aristotélica nas escolas que o soberano por aquela época, com grande diligência e despesas, tinha em mente criar. Abordado acerca deste negócio, Buchanan facilmente deu o seu assentimento. É que, ao ver como a Europa inteira, ou já se abrasava em guerras civis e externas, ou estava a ponto de nelas mergulhar, apercebia-se de que só aquele recanto viria a ficar livre de conflitos, e era de crer que no grupo dos que empreendiam esta deslocação, não tanto se tratava de viajar para país estranho, quanto de conviver entre amigos íntimos e muito próximos. De fato, a maioria encontrava-se ligada, ao longo de muitos anos, pelos vínculos da mais estreita amizade, da mesma maneira que alumiaava o mundo com as suas obras: Nicolau Gruchy, Guilherme de Guérente, Diogo [4*] de Teive e Elias Vinet. E, assim, de bom grado não apenas os acompanhou, como também persuadiu seu irmão Patrício a juntar-se a tão luzido grupo.

Ora, no início tudo correu muito bem, até que André de Gouveia foi arrebatado, como que a meio da carreira, por uma morte, para ele decerto precoce, e para seus companheiros penosa. É que todos os seus inimigos e êmulos abalançaram-se contra eles, de início através de perfídias, e em seguida às escâncaras e com descoberta animosidade. Depois de pessoas muitíssimo hostis aos indiciados terem feito às ocultas as investigações processuais, pronunciou-se acusação contra três,⁵ aos quais, depois de apresentados em tribunal após longo e miserável encarceramento, durante o qual foram atormentados com

⁵ George Buchanan, Jorge da Costa e Diogo de Teive foram detidos pela Inquisição em Agosto de 1550, o primeiro e o último a 10 deste mês, em Coimbra, e Costa em Lisboa, onde então se encontrava, cidade onde os três ficarão encarcerados, nas masmorras do Santo Ofício, durante quase um ano.

incessantes insultos, colocaram de novo sob prisão. É de saber que nem sequer então lhes deram a conhecer o nome dos delatores.⁶

Mostravam-se desapiedadamente insolentes contra Buchanan, uma vez que era estrangeiro e não tinha ali muitas pessoas que folgassem com o seu bom estado ou se condoessem das suas dores ou se empenhassem em vingar-lhe as afrontas. Lançavam-lhe em rosto o poema que escrevera contra os Franciscanos, acerca do qual ele, antes de partir de França, teve o cuidado de se desculpar diante do rei de Portugal, e cujo teor os acusadores não conheciam, visto como o único exemplar do mesmo tinha sido oferecido ao rei da Escócia, que fora quem o instigara a escrever. Era-lhe imputado como crime comer carne na Quaresma, algo de que em toda a Península Ibérica não há ninguém que se abstenha. E também o acusavam de ter proferido, de modo indireto, certas afirmações contra os frades, as quais a mais ninguém, senão aos olhos destes, poderiam parecer abomináveis. Igualmente foi considerado muitíssimo grave o fato de, tendo-se feito menção da Eucaristia em certo despreocupado bate-papo entre alguns moços portugueses, ele ter dito que lhe parecia que Santo Agostinho se tinha inclinado muito mais para um ponto de vista condenado pela Igreja Romana. Outras duas testemunhas, João Talpin, normando, [v^o] e João Ferreri, piemontês, (tal como alguns anos depois fui informado) depuseram que tinham ouvido, da boca de muitos homens dignos de crédito, que Buchanan pensava mal da religião romana.

Voltando ao tema. Depois de os magistrados se terem fatigado a atormentá-lo cerca de ano e meio,⁷ ao cabo, para que se

⁶ Foi sempre esta a prática em todos os processos instaurados pelo Santo Ofício.

⁷ Há aqui algum exagero, pois o julgamento deu-se em Julho de 1551, sendo a sentença lida em 29 de Julho deste mês. Dela constava que o réu confessara seu passado filo-luterano e calvinista, a autoria do panfleto anti-franciscano, as suas sátiras à vida eclesiástica, os seus erros em matéria de fé, quanto à existência do Purgatório, às indulgências papais e à Eucaristia, bem como a sua despreocupação pelas leis eclesiásticas do celibato e da abstinência e jejum. Declarava-se arrependido pelos seus erros, que dizia terem sido absorvidos na grande Babilônia de Paris. A Inquisição, bastante moderada, impôs-lhe apenas: *Acordam os deputados da Santa Inquisição e ordinário etc. (...) Recebem o réu Mestre Jorge à reconciliação, união e misericórdia da Santa Madre Igreja, como pede, e lhe dão em penitência que faça abjuração pública em forma de*

não pensasse que tinham perseguido sem motivo um homem não desconhecido, encerram-no num mosteiro por alguns meses, para ser mais perfeitamente catequizado pelos frades: criaturas, de resto, nem cruéis nem ruins, mas totalmente ignorantes quanto a religião.⁸ Ocupou a maior parte deste tempo a transpor para vários metros poéticos muitos dos salmos de Davi.

Posto finalmente em liberdade,⁹ tendo pedido ao rei permissão para voltar a França, este rogou-lhe que permanecesse em Portugal, concedendo-lhe entretanto uma pequena pensão para as despesas diárias, até que fosse tomada decisão relativamente a alguma colocação honrosa. Mas, enfasiado com as delongas que tinham a ver com uma esperança e um prazo que não eram certos, embarcou no porto de Lisboa numa nau cretense e nela navegou para a Inglaterra.¹⁰

Sabemos que em inícios de 1553 se encontra na sua amada França, a que dedica, depois de finda a acidentada aventura lusitana, que pelos vistos não lhe deixou saudades, um belo poema de glorificação das graças e donaires da terra, da cultura e da civilização gaulesas.

Em 1560 regressa à sua pátria e adere publicamente à Reforma protestante, que, sob a forma de Kirk of Scotland, de

seus erros diante os Inquisidores e seus oficiais na audiência, e estê em um mosteiro que lhe dão por cárcere pelo tempo que parecer aos ditos Inquisidores, onde se ocupará em alguns exercícios virtuosos e cousas necessárias pera sua salvação, e mandam que seja absoluto in forma Ecclesiae da excomunhão em que incorreu. Veja-se Guilherme J. C. Henriques, "Buchanan na Inquisição": Arquivo Histórico Português, 4, nº 7 (Julho 1906), Lisboa, 272.

⁸ Buchanan foi enviado para o Mosteiro de S. Bento de Xabregas, da Ordem dos Cónegos de S. João Evangelista (popularmente conhecidos por *lórios*), sendo-lhe notificada, em 17 de Dezembro de 1551, da parte do Inquisidor-Geral, que era então o Cardeal-Infante D. Henrique, uma ordem que lhe concedia liberdade de movimentos.

⁹ Em Fevereiro de 1552, conforme se lê nos apensos ao seu processo inquisitorial: *e lhe disseram como o Senhor Cardeal-Infante, Inquisidor-Geral, havia por bem de dispensar com ele de todo pera se ir embora. Vd. Guilherme J. C. Henriques, o. c., 274.*

¹⁰ Da "Autobiografia", cujo título latino acima se reproduz, e que, sem numeração própria, antecede a edição atrás citada de que nos servimos para as nossas traduções.

inspiração calvinista, se tornara a Igreja oficial. A sua ação política radical faz então dele uma das personalidades que, segundo parece, mais contribuiu para a condenação à morte da Rainha Maria Stuart, que aliás grandemente o protegera. Discute-se ainda hoje se a ele coube a responsabilidade por ter forjado os documentos altamente comprometedores, com fundamento nos quais o Parlamento escocês votou a morte da sua soberana. Entre os anos de 1566 e 1570 desempenha o cargo de Principal do Colégio de S. Leonardo, na Universidade Saint Andrews, em Glásgua. De 1570 a 1578 é nomeado preceptor do muito jovem rei Jaime VI, destinado, depois da morte da sua prima Isabel I de Inglaterra, a tornar-se o primeiro monarca único da Grã-Bretanha unificada sob a sua coroa. Desempenha também por esses anos vários cargos de prestígio. Morreu em Edimburgo, a 28 de Setembro de 1582.

A obra

O legado escrito de George Buchanan, todo ele em língua latina, repartiu-se por vários gêneros literários e fez dele um dos maiores vultos da cultura da sua pátria, destinado a só alguns séculos mais tarde vir a ser desbancado por nomes para o leitor moderno já mais sonantes, como é o caso do filósofo Hume e dos escritores românticos Robert Burns ou Sir Walter Scott.

Assim, no gênero teatral, devemos-lhe duas traduções latinas das peças de Eurípides *Medeia* e *Alcestes*, e duas importantes peças originais, de tema bíblico, escritas originalmente para serem representadas pelos seus alunos: *Iephtes* e *Baptistes*.

Ainda na literatura de inspiração bíblica, foi autor de uma *Psalmorum Daudis Paraphrasis poetica*, ou seja, uma apresentação em verso dos conteúdos de todos os salmos, no qual demonstrou uma grande mestria formal no domínio de diferentes metros da poesia latina. Conforme atrás vimos nas próprias palavras do Autor, parte desta obra foi composta durante os meses em que permaneceu confinado no mosteiro lisboeta em cumprimento da sentença do Santo Ofício.

No sub-gênero epo-didático o nosso Autor começou a escrever em 1555, mas deixou incompleto um poema que tinha por finalidade a transmissão do saber astronômico da sua época. Intitulou-o, previsivelmente, *De Sphaera*.

Em prosa, deve a Escócia a Buchanan a sua primeira história de relativa importância: *Rerum Scoticarum Historia*, dedicada ao jovem rei e seu pupilo Jaime VI, destinatário igualmente de um diálogo de teorização política, intitulado *De iure regni apud Scotos*, cujas doutrinas democráticas o monarca Stuart de forma alguma perfilharia, quando, em anos mais maduros, as veio a entender.

Foi, no entanto, sobretudo nos gêneros lírico e satírico que Buchanan ganhou jus à fama que o aponta como um dos maiores poetas novilatinos do século XVI. No gênero satírico, o azedume crítico que por tradição se associa à raça escocesa expandiu-se, por vezes com uma violência de linguagem que raia a obscenidade, e a serviço de uma personalidade violentamente mordaz, fanática e preconceituosa, é certo que com grossos pingos de bem humorada ironia.

Vejamos alguns breves exemplos da inspiração satírica buchaniã, exercitada sobre aquele que parece ter sido o seu ódio de estimação: o portuense Belchior Beleago, seu colega na Universidade de Coimbra, e que, apesar de a passagem do nosso Autor por terras lusitanas ter sido bem breve (cerca de três anos),¹¹ foi o objeto de um número bastante razoável de envenenadas composições. Com estes exemplos, além da inegável verve zombeteira, documenta-se uma faceta que veremos assomar nas composições dedicadas ao Brasil: o preconceito, no caso de Beleago, na vertente antissemita.

¹¹ Deve-se ao notável investigador jesuíta Padre Domingos Maurício Gomes dos Santos um importante, longo e quase sempre bem documentado estudo sobre a estada do poeta escocês em terras lusitanas: "Jorge Buchanan e o ambiente coimbrão do século XVI", *Humanitas*, 15 (1962) 261-327.

Belchior Beleago,¹² antigo estudante em Paris como bolsista do rei português no mesmo Colégio de Santa Bárbara onde George Buchanan lecionara, regeu entre 1548 e 1552 um curso de Artes no Colégio do mesmo sobrenome. As evidências apontam no sentido de nos fazer supor que uma notória vocação mercantil o levava a descurar as suas obrigações docentes e a dedicar-se com excessiva paixão a negociar toda a espécie de produtos que pudessem trazer-lhe dinheiro à bolsa. Também a fama de maldizente e intriguista já o acompanhava desde os tempos passados em França, sendo provável que a antipatia que por ele sente o Autor escocês já proviesse de Paris e tivesse origem em fatos que ignoramos. O certo é que o poeta escocês nos deixou dele alguns deliciosos retratos burlescos, de que darei três exemplos, em traduções minhas:

A Murça,¹³ Reitor da Academia de Coimbra

Ó Senhor Reitor, rei da Academia de Coimbra,

¹² Nasceu no Porto em 1526 e frequentou em Paris quatro “cursos” teológicos, graduando-se aí Mestre em Artes. Ao tempo que regia o Curso de Artes de 1548 a 1552, ia prosseguindo os seus estudos de teologia, colando nesta faculdade grau de bacharel em 1554, e os de licenciado e doutor em 1556. Atua, com o título de bispo de Fez, como coadjutor do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcelos e Meneses: múnus em que nos aparece em documentos datados de 1560, 1561 e 1563. Morreu durante a *Peste Grande* de 1569, em Amora, termo de Almada. É autor da *Oração* latina, pronunciada no 1º de Outubro de 1548 e com que se iniciou o novo ano acadêmico em Coimbra, obra que mereceu ser então impressa e da qual se fizeram duas modernas reproduções e uma tradução (Luís de Matos, *Quatro orações latinas proferidas na Universidade e Colégio das Artes*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1937; Maria Helena da Rocha Pereira, *Belchior Beleago: “Oração sobre o estudo de todas as disciplinas”*. Edição fac-similada da de 1548 com introdução, tradução e notas de, Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1959). Sobre esta singular personagem consulte-se o estudo de António Cruz, “Belchior Beleago, humanista portuense”: *Bibliotheca Portucalensis*, 1 (1957) 7-29, e o artigo de Américo da Costa Ramalho, *sub nomine*, do volume I do *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, 681-682, dirigido por João José Cochofel.

¹³ Frei Diogo de Murça, monge da Ordem de S. Jerônimo e dinâmico e competente Reitor da Universidade de Coimbra entre 1543 e 1555.

Ágora. Estudos Clássicos em Debate 14 (2012)

Todos aqui nos espantamos com o teu poder.
 Quão pequena bestiaga do teu reino é Beleago?
 Como é possível que não exista cousa
 Que subjugada não se encontre sob seus pés?
 Como é possível que não haja cousa
 Que ele não emporcalhe com suas mãos avaras?
 — Bodes e chibos, bácoras, ovelhas, bois
 E toda sorte de gado ele mata e negoceia;
 E vende as aves do céu e os peixes do mar,
 Todas as variedades que percorrem as sendas do oceano;
 Melões, pepinos, ameixas, alhos-porros e nozes,
 Que crescem pelas quintas de Coselhas,
 Coentros, cebolas, alho, mastruço,
 Que avondo nascem pelas quintas de S. Marcos.
 Ó Senhor Reitor, rei da Academia de Coimbra:
 Sentimos aqui a falta do teu bom aviso!¹⁴

No seguinte poema, além de aumentar-se significativamente o repertório de produtos mercadejados pelo azougado “tripeiro”, note-se a irônica alusão à origem judaica do mesmo, se não comprovada, pelo menos repetidamente afirmada pelo escocês:

Contra o mesmo [Beleago]

Beleago, consoante ele testifica,
 Se é de fiar seja o que for que ele testifique,
 Maculado não se encontra por qualquer nódoa
 Da raça de Judá.
 Ele vende e revende apostilas, pequenas camas e tecidos,
 Escabelos, tamboretas, colchas e tapetes,
 E até vende e remenda os farrapos e ferro-velho
 Que da lama recolhe.
 Mediante sentinelas postadas junto de todos os lugarejos,
 É o primeiro a deitar mãos ao leite,
 Ovos, frangos, alhos e jirimuns, melões, pepinos, couves e alfaces
 - Para depois revendê-los mais caro em sua casa.
 E é o único juiz louvado da praça da verdura;
 O único juiz louvado da praça dos doces:
 E, mercado mais concorrido que todos os mercados,
 Em sua casa sempre está assistindo a transações comerciais.

¹⁴ Páginas 345-346 da edição seiscentista atrás citada da obra poética de Buchanan.

Sem ele, não fazem negócio algum
 O pescador, o hortaliçeiro, o açougueiro, o galinheiro ou o cozinheiro;
 Nem a mula alquebrada pela velhice,
 Nem o macho de três patas, nem o asno doente,
 Nem o garrano enfermo
 Poderão ser vendidos sem a sua mediação.
 Vende, revende, merca e chatina tudo de que possa sacar dinheiro.
 E não existe qualquer artesão, comprador ou vendedor,
 Mercadoria, arte, negócio,
 De que se exale um ligeiro cheiro a ganho,
 Que sagazmente ele não pressinta,
 De que não se aposse e devore,
 Ou, se isto se lhe nega,
 A que mesmo assim não roa algum pedacinho:
 Este detentor do monopólio do negócio por atacado
 E não menos monopolista do negócio do ferro-velho.
 Se existe uma única pessoa, nascida sob estes céus
 E não pertencente à raça judaica,
 A exercer tão grande número de ofícios sórdidos,
 Assevero que Beleago, que nasceu sob estes céus
 E não pertence à raça judaica,
 Exerce estes ofícios sórdidos.¹⁵

Vejamos agora o seguinte epigrama, no qual o poeta escocês aponta o sangue norte-africano e judaico de Beleago como a origem maligna de que procedem os seus baixos e ruins instintos:

Contra o mesmo [Beleago]

Duas raças, ó Beleago, disputam a tua linhagem,
 E cada uma se esforça por provar a sua causa.
 Porque nas tuas palavras não há qualquer firmeza,
 O Mouro pensa que esta é uma prova de sangue africano.
 O Judeu crê que são sinais da sua raça a arteirice
 E o teu tão desvairado amor pelo lucro.
 Tu fazes alarde de proceder de sangue lusitano
 E todavia apresentas-te a ti mesmo como única testemunha disto.
 Prouvera a Deus que o comprovasses com outra testemunha:
 Ou que fosse uma indubitável garantia seres tu a testemunha!
 Mas, se me deres crédito,
 Podes ter em ti mesmo uma útil testemunha.

¹⁵ Páginas 346-347 da edição citada das obras poéticas de Buchanan.

Desta única maneira, porém:
Que aquilo que queres que te creiam como falso,
Nega que seja falso,
E o que pretendes que se creia como verdade,
Nega que seja verdade!¹⁶

Um olhar pessimista sobre Portugal, a gesta descobridora e o Brasil colonial

1.

Abandonando Portugal em 1552, George Buchanan vai residir na França até 1560, ano do seu regresso definitivo à pátria escocesa. Ao entrar em terras francesas, o nosso Autor escreve um belo poema em louvor do país ao qual deveu a sua formação intelectual e no qual provavelmente viveu os momentos de maior ventura pessoal. É natural que, para quem sofrera uma detenção nos cárceres inquisitoriais por motivos religiosos aparentemente tão insignificantes, a relativa liberdade de consciência que a França por então gozava, e que pouco iria durar para dar o passo a uma desapiadada guerra civil, lhe parecesse um paraíso de tolerância, ou, como ele diz: *patria gentium omnium / communis, animi fida, pace florida* (“És pátria comum de todos os povos, tens ânimo leal e gozas da esplendente paz.”) Também não nos espantam os termos entusiásticos com que se refere à fertilidade do solo francês, amenidade de clima e beleza de paisagens, contrastantes com os tórridos estios conimbricenses, a aridez das montanhas beirãs e a escassez de luxos do sóbrio viver dos Portugueses do século XVI. Escutêmo-lo:

Chegada à França

P’ra sempre adeus, sáfaros ermos do mofino Portugal e
torrões só férteis em penúria!

Salvé, ó venturosa França! Doce aleitadora das artes
nobres, de céu sadio sobre um solo que se desentranha em frutos,
[291] onde os outeiros se vestem da suave e umbrosa coma das
vinhas. Terra de pascigos fartos em gado, de vales que se banham

¹⁶ Página 355 da edição citada das obras poéticas de Buchanan.

em fontes. Aqui, de flores se matizam os plainos de verde prado e se transita à vela pelos longos cursos de teus rios. Abundosa em peixe, nos tanques, nos córregos, nos lagos, no mar. Por ambos teus litorais, polvilhados de portos, acolhes como hóspede o vasto mundo e, pela tua parte, com ele generosa partilhas as tuas riquezas. Deleitosa pelas tuas quintas, segura pelas tuas muralhas, sobranceira pela tuas torres, rica pelas tuas casas, esplêndida pela tua civilização, és comedida no comer, branda em costumes e gentil na fala. És pátria comum de todos os povos, tens ânimo leal e gozas da esplendente paz. Alegre, afável, mas contendora de cuidado na sanhuda guerra, invencida: nem te ensoberba a prosperidade nem a sorte incerta te abate. A Deus adoras com peito sincero, que não se abastardou num culto só externo.

Aqui, o suave Estio ignora as tórridas canículas; o Inverno rechaça com o lume da lareira os desabridos rigores; o Outono, temperado por benfazejas auras, não amarela a tez ao sopro do pestilento Austro; a Primavera não inunda os campos nem assola as lavras ao abrirem-se francas as tranqueiras dos rios.

Se enquanto viver não te amar e venerar com filial afeto, afirmo que não me recuso a de novo ver os sáfaros ermos do mofino Portugal e seus torrões só férteis em penúria.¹⁷

2.

Os versos que se seguem fazem parte de um poema, que não foi concluído, no qual Buchanan procurava transmitir os principais conceitos da ciência astronômica da sua época: como facilmente se imagina, matéria muito pouco adequada para um desenvolvimento feliz em linguagem poética. No entanto, este trecho revela genuína inspiração na forma direta e expressiva em como pinta a Ganância e a sede insaciável de riqueza, com o seu rosário de desgraças (fomes, cansaços, doenças), como a verdadeira motivação das viagens de descobrimentos a que Portugueses e Espanhóis se tinham abalançado, sulcando mares desconhecidos e devassando os segredos da Natureza.

Já do vasto mundo se abrem todas as barreiras às naus iberas, já os segredos da Natura, por longos séc'los ignorados, se desvelam, pois Plutão, insaciável monstro, soltou dos antros

¹⁷ Páginas 290-291 da edição citada das obras poéticas de Buchanan.

estígios a Ganância, irmã das Harpias. O aspeito é descuidado, suja a carranca, e a boca se escancara sob desabrida fronte, de severas rugas; a palidez da fome recobre o rosto e os muitos cuidados enfraquecem o atribulado corpo; a fedentina apodrenta a língua, lesta a praguejar, e a insônia atanaza o espírito e impede a doce paz de insinuar-se nos vigilantes olhos.

*Sobre a Esfera, I*¹⁸

3.

O poema cuja tradução vou propor em seguida merece especiais comentários, tanto de carácter histórico, para a perfeita contextualização, como linguístico, no sentido de explicar algumas das soluções por que optei na transposição de certas palavras latinas para o nosso idioma.

Ora, convém saber que a ação expansionista de Portugal fora da Europa se iniciou no século XV com a conquista de várias praças-fortes ao longo do litoral marroquino, as quais funcionaram como uma espécie de campo de treinamento militar para a mocidade fidalga lusitana. Foi precisamente entre os anos de 1541 e 1550, em parte coincidentes com a estada de George Buchanan em solo português (da segunda metade de 1547 à primeira metade de 1552), que o rei D. João III pôs em prática uma medida que, embora política e economicamente hoje nos pareça sensata, suscitou então vigorosa crítica por parte de amplos setores da opinião nacional e, como veremos, não só. Referimo-nos ao abandono, por parte das guarnições e populações portuguesas, das praças de Safim e Azamor (fins de Outubro de 1541), Arzila (1549-1550) e Alcácer Ceguer (1550). Para cúmulo, o rei português sujeitara-se, em 1547, a celebrar um tratado de paz com um tradicional e fidalgo inimigo como era o rei mouro de Fez. A estes fatos se refere Buchanan, sublinhando, em tom indignado, o contraste entre esta medida do monarca português, que coloca no desemprego e lança na miséria bravos soldados que combatiam dia-a-dia contra os maiores inimigos do Cristianismo, e o envio para a nova colônia

¹⁸ Página 416 da edição citada das obras poéticas de Buchanan.

do Brasil, ao que parece em condições vantajosas e com direito à posse de terras, de pessoas condenadas ao degredo pelo crime de sodomia. Em tom moralizante, o poeta conclui que não admira que não seja bem sucedido na guerra um soberano que tão escandalosamente vai contra o que é justo.

A forma direta das alusões faz-nos supor que Buchanan está a referir-se a acontecimentos de que teve conhecimento pessoal. Ora, a primeira observação que se nos oferece fazer relaciona-se com a “brandura” relativa das penas infligidas, se nos lembrarmos do que determina a legislação vigente então em Portugal. Com efeito, as *Ordenações Manuelinas*, no Livro 5, título 12, intitulado *Dos que cometem pecado de sodomia*, expressamente determinam:

Qualquer pessoa de qualquer qualidade que seja, que pecado de sodomia por qualquer guisa fazer, seja queimado e feito por fogo em pó, por tal que jamais nunca do seu corpo e sepultura possa ser havida memória, e todos seus bens sejam confiscados pera a Coroa dos nossos Reinos, posto que tenham descendentes ou ascendentes; e mais pelo mesmo caso seus filhos e descendentes ficarão inábeis e infames, assi propriamente como os daqueles que cometem o crime de lesa majestade contra seu Rei e Senhor.

Por outro lado, sabemos que a Inquisição de Lisboa prendeu e processou em 1547 cinco pessoas acusadas pela prática da homossexualidade, sendo alguns degredados para o Brasil. Chegou até nós o nome do que parece ter sido o primeiro português a pôr o pé em terras brasileiras, em Fevereiro de 1549, como punição pela prática do então chamado “pecado nefando” (ou inominável): chamava-se Estêvão Redondo e estava socialmente bem colocado, pois é qualificado como “moço del-rei” e “criado do governador [das armas] de Lisboa”. Talvez a este condenado, ou a alguns de seus quatro companheiros, se refira, com assomos de puritana indignação, o escocês Buchanan.¹⁹

¹⁹ Devo, e aqui penhoradamente agradeço, toda a informação contida neste parágrafo à pronta e gentil cooperação do Prof. Luiz Mott, sociólogo e historiador com ampla bibliografia nesta área, de que destacamos os elucidados

No que concerne à minha versão, em primeiro lugar chamo a atenção para o verso quarto do original latino, no qual Buchanan usa duas vezes de um verbo, demasiado expressivo em latim para ouvidos luso-brasileiros, e que, além do significado corrente de “cavar”, pode usar-se, como faz o nosso Autor na primeira utilização, em sentido translato e com conotação sexual. Na minha versão procurei conservar a duplicidade semântica empregando o verbo “encabar”, próprio também da linguagem agrícola e empregue geralmente para o ato de colocar o cabo no aro da enxada, mas que, pelo menos em Portugal, pode ter uma significação sexual facilmente deduzível.

Em segundo lugar, lembro que o termo que Buchanan utiliza para designar os homossexuais é uma palavra grega (*cinnaedus*, *ì*), aclimada ao Latim: procurei dar o ar exótico que resulta do emprego de uma palavra estrangeira usando na tradução o termo

tivos e bem fundamentados estudos: “Pagode português; a subcultura *gay* em Portugal nos tempos da Inquisição”: *Ciência e Cultura (SBPC/SP)* 40 (Fevereiro de 1988) 120-139; “Inquisição e homossexualidade”: *Inquisição: Comunicações apresentadas ao I Congresso Luso-Brasileiro sobre Inquisição*, Lisboa, 1989, II, 475-508; “Cripto-sodomitas em Pernambuco colonial”: *Revista Antropológicas*, Universidade Federal de Pernambuco, 13.2 (2002) 4-38.

Em relação à lenidade das penas impostas pelo Santo Ofício português para este tipo de crimes, vem muito a propósito citar as seguintes palavras, nada suspeitas de parcialidade, do Prof. Mott, no primeiro dos seus artigos que acima citamos: “Comparativamente a outras nações (...) a Inquisição em Portugal mostrou-se muito mais indulgente face aos homossexuais. Em três séculos de Inquisição levou à fogueira trinta, isto é, 0,6 % dos denunciados”.

Lembro também, sem com isso pretender tirar por agora e neste lugar qualquer tipo de ilações, que o procedimento do Santo Ofício com George Buchanan também não se caracterizou por um excessivo rigor, se atentarmos na relativa gravidade das acusações contra ele apresentadas, pelos vistos bem fundadas, consoante o seu comportamento posterior de sobejo comprovou. De igual brandura não usou ele, ao que parece, no processo que o Parlamento escocês moveu contra a Rainha Maria Stuart, e no qual foi de grande peso para o destronamento e condenação à morte da sua legítima soberana a sanha fanática deste intelectual, a quem um longo contacto com as obras cimeiras da cultura clássica deveria, aparentemente, ter tornado mais tolerante com as debilidades humanas.

português antigo que, juntamente com “somítigo”, servia para designar os sodomitas: “fanchono”, que curiosamente se originou no italiano *fanciullo*, “moço”.

Brasil

Abandona-se a África, o soldado na penúria pede esmola e sem esforço o poltrão Mouro se apossa dos castelos.

O trigueiro Brasil recebe impudicos colonos, e quem antes encabara mocinhos, campos cava.

Quem aos soldados tira as suas, terras dá aos fanchonos: contrariando o que é justo, não é bem sucedido na guerra.²⁰

Proponho-vos agora a minha versão do poema que, no original latino, se intitula: *In colonias Brasilienses uel sodomitas*, de temática, como já notaram, não dessemelhante do anterior, embora com um desenvolvimento literário muito mais elaborado e uma carga moralista assaz mais pesada.

Uma superficial análise intertextual logo nos mostra a dependência do Autor relativamente a duas obras que, por gosto pessoal e atividade profissional, deveria conhecer de memória: a Bíblia e a *Eneida*, de Virgílio. Assim, a inicial invocação do Anjo destruidor imediatamente nos remete para os versículos 24-25 do capítulo 19 do *Gênesis*, onde lemos: *Fez pois o Senhor da parte do Senhor chover sobre Sodoma e Gomorra enxofre e fogo vindo do céu. E destruiu estas cidades e todo o país em roda: todos os habitantes das cidades e toda a verdura da terra.* Por outro lado, nas estrofes 9 e 10 encontramos um evidente reflexo dos conhecidos episódios de Polifemo e os Ciclopes e de Cila e Caríbdis, presentes no canto III da *Eneida*, nos versos 616-627 e 420-431, respectivamente. Segundo Buchanan, os indígenas do Brasil, ainda que acostumados a alimentos semelhantes aos dos Ciclopes, sentir-se-iam nauseados com a presença dos novos colonos, enviados para solo brasílico para aqui continuarem em condições quase privilegiadas a prática do pecado nefando. Seria o momento oportuno, prossegue ele,

²⁰ Página 291 da edição citada da obra poética de Buchanan.

para as míticas Cila e Caríbdis deixarem as águas do golfo de Messina e se postarem, com os seus terríveis cachorros, em meio do Oceano Atlântico, sorvendo nos seus redemoinhos as naus que transportavam gente tão infame.

Merece também referência a condenação veemente que Buchanan faz da gesta descobridora e conquistadora a que desde o século XV se entregavam Portugueses e Espanhóis, levando a guerra e destruição a povos pacíficos e violando os segredos da Natureza, aparentemente, se bem o interpretamos, com o único objetivo de preparar um seguro ninho para os amores transviados de alguns fanchonos lusitanos...

O pessimismo sobre a natureza humana e a descrença numa “regeneração”, digamos assim, dos degredados para o Brasil, transparece das estrofes 4 e 5, nas quais, na minha interpretação, o Autor retoricamente se pergunta: “Será possível crer que criaturas que, vivendo na sua pátria em condições difíceis, onde é necessário duramente trabalhar a terra para obter um parco e modesto sustento que pouco se diferencia do dos animais, mesmo assim se entregavam lá a este vício infame, vão agora mudar de hábitos, ao verem-se, em terras brasileiras, livres de qualquer policiamento sobre os seus costumes, num solo rico e sob um céu ameno?”

Na caracterização que o poeta faz das condições de vida difíceis em solo europeu, chamo a atenção para a expressão “comilão de glande”, lembrando que este último nome, sinônimo de “bolota”, designa o fruto do carvalho, além da particular significação anatômica, que aponta para uma ambiguidade semântica que roça a obscenidade, ambiguidade talvez pretendida pelo Autor, e a que também eu não fugi, e até exagerei, ao traduzir logo em seguida pela forma regional “rábãos” a palavra latina *raphanus*, o “rabanete ou rábano” do Português corrente. Resta dizer que de bolotas ou glandes se alimentaram os primitivos europeus, tendo-se mantido até hoje, pelo menos no cardápio tradicional lusitano, como recurso nutritivo para épocas de fome ou grande penúria.

Mas escutemos este puritano indignado que, por uma daquelas ironias em que a história é fértil, foi, como já dissemos, preceptor do rei Jaime VI da Escócia e I de Inglaterra, monarca notória e comprovadamente homossexual:

Contra as colônias brasileiras ou sodomitas

Baixa do céu em rubro turbilhão
 Armado, ó Anjo, de ira vingadora,
 Punidor já conhecido da luxúria
 Na assolação da impúdica Sodoma.

Eis que de novo (pereça ele sob tuas armas!)
 A linhagem dos Sírios ergue um alcouce
 Que Gomorra arremeda,
 E renova a academia da abominável sujeira.

Essa parte do mundo, que a mole deleitação
 E luxúria destinaram como sua própria morada,
 Sob infames colonos suporta
 Vergonhosa servidão.

Esmirrado co' a canícula, a pobreza e a fome
 Abrasou-se em amores abomináveis
 O comilão de glande, que fede ao peçonhento
 Bodum dos rábãos.

Cuidas que porá algum freio ao desbragamento
 A sensualidade livre e solta? E nada afeita
 A sentir os amavios de uma vida mais civilizada
 Sob um céu melhor?

Ó vergonha do nome cristão!
 Ó indigno labéu e mancha do nosso tempo!
 Ó infame causa das infâmias,
 Das canseiras prêmio e fruto infame!

Co' as proas singramos mares ignotos,
 Inquietamos tranquilos povos co' o terror da guerra
 E com triste alvoroço
 Perturbamos a paz do mundo.

Cruzando as águas procelosas, a ferro e fogo
 Quebrantamos os secretos ferrolhos da Natura,
 Para que aos impuros sodomitas não faltasse
 Um bordel de amor nefando.

Aquele povo nada afável co' os forasteiros
E aquelas bocas costumadas a manutenção abominável,
Contemplou monstruosidades mais asquerosas
Que os sanguinosos manjares dos Ciclopes.

Agora, ó Cila, mostra agora os ferozes cães,
Agora, Caríbdis, faz girar as vagas
Em remoinhos de espuma, e traga as naus
Pejadas de ignomínia.

Ou abre-te em largas fendas, ó terra,
Ou, ó ar, reduz a cinza com incessantes chamas
Os infames colonos, desdouro e opróbrio
Da cristandade.²¹

5.

Concluo este breve olhar, que espero não tenha sido demasiado doloroso, pela obra do escocês George Buchanan, com a apresentação de uma composição poética em que se fala de um produto que constitui a contribuição supostamente mais nefasta do Brasil para a História da Humanidade: o fumo de tabaco. Como se sabe, os primeiros Portugueses a chegar ao Brasil imediatamente tomaram contacto, por mediação dos indígenas que largamente dele usavam, com um gênero de plantas, a que em Portugal logo se deu o nome de “erva-santa”, designação que no nosso idioma perdurou por cerca de dois séculos, e que deve a sua origem às qualidades terapêuticas, sobretudo analgésicas e para a cura de afeções respiratórias, que os consumidores prontamente lhe atribuíram. Rapidamente popularizado em Portugal, o fumo de tabaco vai difundir-se, sobretudo, por mediação lusitana por todo esse vasto mundo, e a sua introdução na Europa Central e do Norte vai dever-se a Jean Nicot (1530-1600). Este nobre erudito,²² nomeado embaixador do rei Henrique II de França em Portugal em 1559, com a incumbência de negociar o casamento de Margarida de Valois, filha do monarca gaulês, com o rei português

²¹ Páginas 291-292 da edição citada da obra poética de Buchanan.

²² Lembre-se que é autor do primeiro dicionário moderno da língua francesa, publicado postumamente em 1606.

D. Sebastião, então menino de dois anos de idade, permaneceu em terras lusas até 1561, tendo enviado em 1560 a Catarina de Médicis, entretanto tornada regente de França (foi-o até 1564) pela morte precoce do marido no ano anterior e menoridade dos herdeiros, uma encomenda de tabaco em pó, destinada a curar as enxaquecas do filho Francisco, o novo rei com o título de Francisco II, e que afinal vem a morrer a 5 de Dezembro desse mesmo ano, vá lá saber-se se com algumas culpas para o tabaco. O certo é que Catarina de Médicis se tornou consumidora compulsiva da planta brasileira e o seu ilustre exemplo contribuiu não pouco para esta rapidamente se espalhar por toda a Europa, sendo inclusivamente designada pelo seu nome. A este fato alude neste poema Buchanan, que se revolta contra a injustiça de uma tal atribuição e defende os justos títulos que cabem a Nicot para apadrinhar a nova droga, justiça que afinal lhe foi feita pela ciência, quando o botânico Lineu, em 1752, designou com o nome de *Nicotiana* o gênero das plantas em que se inclui a hoje tão perseguida espécie, a que chamou *Nicotiana tabacum*.

Ora, como é evidente, a verdadeira intenção do literato escocês era dizer mal de Catarina de Médicis, (1519-1580) a astuta italiana que o casamento tornara rainha de França e cujos ódios anti-protestantes eram, naturalmente, retribuídos na mesma moeda por um calvinista descoberto como Buchanan já deveria ser na época em que escreveu este poema, talvez posterior ao terrível morticínio da Noite de São Bartolomeu, em que milhares de hugenotes foram mortos na sequência de uma trama cuja urdidura se atribuiu a Catarina. Levado pela semelhança dos nomes, Buchanan apelida a filha do florentino Lourenço de Médicis “Medeia do nosso tempo”, evocando assim a heróina da peça homônima de Eurípides que, conforme já vimos, traduzira do Grego para o Latim, e dessa forma pondo diante dos olhos do leitor a terrível princesa e feiticeira da Cólquida que, movida pelo ciúme, matou com as suas artes mágicas a nova esposa do seu marido Jasão e, diante deste, degolou os filhos que dele tivera.

Sobre a nicotiana, com falso nome chamada mediceia

Retornando o douto Nicot das ocidentais plagas,
 Consigno trouxe a nicotiana
(Erva salutar para todas as maleitas),
 Desejoso de bem-fazer à sua pátria.
Mas Catarina de Médicis, praga e flagelo dos seus,
 Medeia do nosso tempo,
Em ambição abrasada, com o nome mediceu
 Adultera a nicotiana planta:
E tal como esbulhou de seus bens os cidadãos,
 Esbulhar quer Nicot do honroso nome da ervagem.
Mas vós, que buscais alívio para o enfermo corpo,
 As mãos apartai de uma planta de abominável nome,
Fechai a boca e encerrai ouvidos a uma peste tão terrível:
 É que o néctar volver-se-á peçonha e veneno a panaceia
Se lhe chamardes “mediceia”.²³

Conclusão

Para concluir, apenas desejo agradecer o ensejo que, com o seu amável convite, os alunos do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa do ICHL, da UFAM, me ofereceram de ocupar-me de um tema que, se por um lado está ligado com a minha área específica de estudos — a literatura novilatina do século XVI —, por outro me permitiu juntar e apresentar, penso que pela primeira vez traduzidas diretamente do original latino para português, as composições poéticas em que o Brasil é referido ou aludido por este escritor escocês, que, apesar de uma visão da realidade humana que nos pode parecer hoje acanhada, mas que em parte decorria das circunstâncias históricas e ideológicas que o moldaram, mesmo assim exprimiu elevados ideais e possuiu inegáveis dotes literários no manejo de uma língua difícil como o Latim, qualidades a que nos cabe prestar homenagem e a que eu só posso lamentar não ter conseguido fazer a devida justiça com as minhas rasteiras versões na formosa língua de Camões e Machado de Assis.

²³ P. 404 da edição citada das poesias de Buchanan.

TEXTOS LATINOS

*Georgii Buchanani Scoti Poemata quae extant, Amstelodami, apud
H. Wetstenium, 1687.*

A)

[3*vº] Interea litterae a rege Lusitaniae superuenerunt, quae Goveanum iuberent ut homines Graecis et Latinis litteris eruditos secum adduceret, qui in scholis quas ille tum magna cura et impensis moliebatur, litteras humaniores et Philosophiae Aristotelicae rudimenta interpretarentur. Ea de re conuentus, Buchananus facile est assensus. Nam cum totam iam Europam bellis domesticis et externis aut eam flagrantem aut mox conflagraturam uideret, illum unum uidebat angulum a tumultibus liberum futurum, et in eo coetu, qui eam profectionem susceperant, non tam peregrinari quam inter propinquos et familiares agere existimaretur. Erant enim plerique per multos annos summa beneuolentia coniuncti, ut qui ex suis monumentis orbi claruerunt: Nicolaus Gruchius, Gulielmus Garentaeus, Iacobus [4*vº] Teuius et Helias Vinetus. Itaque non solum se comitem libenter dedit, sed etiam Patricio fratri persuasit ut se tam praeclaro coetui coniungeret.

Et principio quidem res praeclare successit, donec in medio uelut cursu Andreas Goveanus morte, ipsi quidem non matura, comitibus eius acerba, praereptus est. Omnes enim inimici et aemuli in eos primum ex insidiis, deinde palam animo plane gladiatorio incurrerunt. Et cum per homines reis inimicissimos quaestionem clam exercuissent, tres arripuerunt, quos, post longum carceris squalorem, in iudicium productos, multis per eos dies conuiciis exagitatos, rursus in custodiam abdiderunt. Accusatores autem ne adhuc quidem nominarunt.

In Buchananum certe acerbissime insultabant, ut qui peregrinus esset et qui minime multos illic haberet qui incolumitate gauderent aut dolori ingemiscerent aut iniuriam ulcisci conarentur. Obiiciebantur ei carmen in Franciscanos scriptum, quod ipse antequam e Galliis exiisset apud Lusitaniae Regem excusandum curauit, nec accusatores quale esset sciebant, unum enim eius exemplum Regi Scotorum, qui scribendi auctor fuerat, erat datum. Crimini dabatur carnum esus in Quadragesima, a quo nemo in tota Hispania est qui absteineat. Dicta quaedam oblique in monachos obiecta, quae apud

neminem nisi monachum criminosa uideri poterant. Item grauissime acceptum quod in quodam sermone familiari inter aliquot adulescentes Lusitanos, cum fuisset orta mentio de Eucharistia, dixisset sibi uideri Augustinum in partem ab Ecclesia Romana damnatam multo esse proniorem. Alii duo testes Iohannes Tolpinus, Normannus, [vº] et Iohannes Ferrerius, e subalpina Liguria, (ut post aliquot annos comperi) pro testimonio dixerunt se ex compluribus hominibus fide dignis audiuisse Buchananum de Romana religione perperam sentire.

Vt ad rem redeam, cum quaestores prope sesquiannum et se et illum fatigassent, tandem, ne frustra hominem non ignotum uexasse crederentur, eum in monasterium ad aliquot menses recludunt, ut exactius erudiretur a monachis, hominibus quidem alioqui nec inhumanis nec malis, sed omnis religionis ignaris. Hoc maxime tempore Psalmorum Dauidicorum complures uario carminum genere in numeros redegit.

Tandem libertati redditus, cum a Rege com meatum redeundi in Gallias peteret, ab eo rogatus ut illic maneret, pecuniola interim accepta in sumptum quotidianum, donec de conditione aliqua honesta prospiceretur. Sed cum procrastinationis, nec in certam spem nec certum tempus, taederet, nauem Cretensem in portu Olysiponensi nactus, in ea in Angliam nauigauit.

B)

[345]

Ad Rectorem Scholae Conimbricae Mursam

O Domine Rector, Rex Scholae Conimbricae,
Miramur omnes hic tuam potentiam.
Beleago regni quantula est bellua tui,
Vt nil sub eius subditum non sit pedes?
Nil ille manibus non auaris inquinet?
Capros et hircos, succulas, oues, boues
Et uniuersa pecora mactat, uenditat:
Volucresque caeli uendit et pisces maris
Quicumque ponti semitas perambulant;
Melones, cucumeres, pruna, porros et nuces
Cosellianos quae per hortos germinant,
Coriandra, cepas, alium, nasturtium,
Samarcianos quae per hortos pullulant.
O Domine Rector, Rex Scholae Conimbricae:
Desideramus hic tuam prudentiam!

[346]

C)

[346]

In eumdem [Beleagonem]

Beleago, ut ipse testis est, si quid tamen
 Firmum est quod ille testis affirmauerit,
 De gente nullam contrahit Iudae notam.
 Idem libellos, lectulos et lintea,
 Scabella, scamna, stragula et tapetia
 Vendit, reuendit, quin et e medio luto
 Collecta scruta uendit atque interpolat.
 Lac, oua, pullos, alia et cucurbitas,
 Pepones, cucumeres, brassicam, lactuculas,
 Positas ad omnes uiculos custodiis,
 Domi ut reuendat carius, praeoccupat.
 Forique solus arbiter boarii est;
 Forique solus arbiter piscarii est;
 Forique solus arbiter olitorii est;
 Forique solus arbiter cupedinis:
 Forumque cunctis publicum magis foris
 Res contrahentum conspicit semper domi.
 Piscator, olitor, lanius, auceps et coquus
 Illo absque nullum contrahunt commercium;
 Nec mula senio fracta, nec mulus tripes,
 Nec asinus aeger, nec caballus morbidus
 Venum sine illo poterit ire interprete.
 Cuncta unde possit confici pecunia [347]
 Vendit, reuendit, praestinat, habet quaestui.
 Nec ullus opifex, emptor est aut uenditor,
 Merx, ars, negotium, unde leuis odor lucri
 Spirat, quod ille non sagax praesentiat,
 Non anteuortat occupetque et deuoret,
 Aut, si id negatur, portiunculam tamen
 Praerodat aliquam, solus et magnarius
 Mercator, idem solus et scrutarius.
 Si quis tot artes tractat unus sordidas,
 Hoc axe natus, gente nec Iudaeus est,
 Beleago dicam has tractat artes sordidas,
 Hoc axe natus, gente nec Iudaeus est.

D)

[355]

In Beleagonem

Gens duplex, Beleago, tuo de stemmate certat,
Nititur et causam quaeque probare suam.
Nulla tuis dictis quod sit constantia, Maurus
Indicium Libyci sanguinis esse putat.
Signa sui generis credit Iudaeus acumen
Quodque tibi est lucri tam furiosus amor.
Tu Lusitano genitum te sanguine iactas,
Nec tamen hoc aliter, te nisi teste, probas.
O utinam indicium alioue id teste probares:
Aut te certa foret testificante fides!
Sed mihi si credas, testis potes esse tibi ipsi
Vtilis, hac una sed ratione potes:
Quae tibi pro fictis uis credi, ficta negato,
Et quae uera cupis credi, ea uera nega!

E)

1.

[290]

Aduentus in Galliam

Ieiuna miserae tesqua Lusitaniae
Glebaeque tantum fertiles penuriae,
Valete longum! Ac tu, beata Gallia,
Salue, bonarum blanda nutrix artium,
Caelo salubri fertili frugum solo,
Vmbrosa colles pampini molli coma,
Pecorosa saltus, rigua ualles fontibus,
Prati uirentis picta campos floribus,
Velifera longis amnium decursibus,
Piscosa stagnis, riuulis, lacubus, mari,
Et hinc et illinc portuoso litore
Orbem receptans hospitem atque orbi tuas
Opes uicissim non auara impertiens,
Amoena uillis, tuta muris, turribus
Superba, tectis lauta, cultu splendida,
Victu modesta, moribus non aspera,
Sermone comis, patria gentium omnium
Communis, animi fida, pace florida,

[291]

Iucunda, facilis, Marte terrifico minax,
 Inuicta, rebus non secundis insolens,
 Nec sorte dubia fracta, cultrix numinis
 Sincera, ritum in externum non degener.
 Nescit calores lenis aestas torridos,
 Rigores bruma flammis asperos.
 Non pestilentis pallet Austri spiritu
 Autumnus aequis temperatus flatibus,
 Non uer solutis amnium repagulis
 Inundat agros et labores eluit.
 Ni patrio te amore diligam et colam
 Dum uiuo, rursus non recuso uisere
 Ieiuna miserae tesqua Lusitaniae
 Glebasque tantum fertiles penuriae.

F)

2.

[416]

Omnia iam uasti ratibus panduntur Iberis
 Claustra orbis, rerum longis incognita saeculis,
 Iam secreta patent, namque insatiabile monstrum
 Orcus Auaritiam Stygiis emisit ab antris
 Germanam Harpyis. Facies inculta situque
 Tristis, hiant rictus, taetricis frons aspera rugis,
 Ora fame pallent, corpus miserabile curae
 Attenuant, uirus promptam ad periuria linguam
 Inficit et trepidam exercent insomnia mentem,
 In uigiles ne blanda quies irrepat ocellos.

De Sphaera, I

G)

3

Brasilia

Africa deseritur, miles mendicat egenus,
 Vi sine tuta fugax oppida Maurus habet.
 Accipit obscenos Brasilia fusca colonos,
 Quique prius pueros foderat, arua fodit.
 Qui sua militibus tollit, dat rura cinaedis,
 Iure sub aduerso nil bene Marte gerit.

H)

4

In colonias Brasilienses uel sodomitas

Descende caelo turbine flameo
Armatus iras, Angele, uindices,
Libidinum iam notus ultor
Exitio Sodomae impudicae.

En rursus armis quod pereat tuis
Lustrum Gomorrhæ suscitât aemulum
Syrum propago et exsecranda
Spurcitiae renouans palaestram.

Pars ista mundi quam sibi propriam [292]
Sedem dicauit mollis amoenitas,
Luxusque, sub foedis colonis
Seruitium tolerat pudendum.

Abominandis arsit amoribus
Strigosus aestu, pauperie et fame,
Glandis uorator uirulentum
E raphanis redolens odorem.

Quem, rere, ponet nequitiae modum
Frenis libido libera? Et insolens
Humanioris ferre uictus
Illecebras meliore caelo?

O christiani infamia nominis!
O foeda labes et nota temporum!
O turpium turpisque causa et
Exitus et pretium laborum!

Ignota rostris uerrimus aequora,
Gentes quietas sollicitauimus
Terrore belli orbisque pacem
Miscuimus misero tumultu.

Per ferrum et ignem et per mare naufragum
Secreta rerum claustra refregimus,
Ne deesset impuris cinaedis
Prostibulum Veneris nefandae.

Gens illa nullos mitis in hospites,
Et ora uictu assueta nefario,

Portenta conspexit Cyclopum
Sanguinea dape foediora.

Nunc Scylla saeuos exsere nunc canes,
Nunc nunc Charybdis uortice spumeo
Conuolue fluctus et acrinas
Flagitiis grauidas resorbe.

Aut hisce tellus in patulos specus
Aetherue flammis perde sequacibus
Turpes colonos, christianae
Dedecus opprobriumque Terrae.

I)

5.

[404]

De Nicotiana falso nomine Medicea appellata

Doctus ab Hesperiiis rediens Nicotius oris
Nicotianam retulit,
Nempe, salutiferam cunctis languoribus herbam,
Prodesse cupidus patriae.
At Medice Catharina, κάθαρχμα luesque suorum,
Medea saeculi sui,
Ambitione ardens, Medicaeae nomine plantam
Nicotianam adulterat:
Vtque bonis ciues prius exuit, exuere herbae
Honore uult Nicotium.
At uos auxilium membris qui quaeritis aegris,
Abominandis nominis
A planta cohibete manus, os claudite et aures
A peste taetra occludite.
Nectar enim uirus fiet, Panacea uenenum
Medicaea si uocabitur.

APÊNDICE

Aproveitamos a acolhida que a revista *Ágora* deu ao nosso artigo sobre George Buchanan para publicar o texto e tradução de algumas outras composições, que, conquanto ligadas ao tema nele versado, estariam de sobejo no corpo do mesmo, mas se justificam em apêndice.

A paginação é a da edição seiscentista por nós utilizada e já atrás citada.

TEXTOS LATINOS

A) Contra Beleago

1.

[283]

In Beleagonem

Beleago, fomes et parens mendacii,
 Ab ore cuius pauida ueritas fugit,
 Mali susurrat nescio quid clanculum:
 At Fama de illo non susurrat, sed palam
 Hoc uniuersus populus affirmat, quod est
 Beleago fames et parens mendacii, 5
 Ab ore cuius pauida ueritas fugit.
 Hoc igitur aequus aestimator iudicet,
 An mentiatur populus uniuersus, an
 Beleago, fomes et parens mendacii,
 Ab ore cuius pauida ueritas fugit. 10

2.

[347]

In eundem

Beleago cunctas nouit artes unice,
 Has praeter unas quas docet.
 Beleago cunctas tractat artes commode,
 Has praeter unas quas docet. 5
 Nec foenerator alter illo doctior
 Nec caupo quisquam argutior
 Mango nec ullus morbidos peritius
 Seruos equosque adulterat.

A) Contra Beleago

1.

[283]

Contra Beleago

Beleago, atiçador e pai de mentiras,
De cuja boca a verdade, tomada de terror, foge a sete pés,
Anda a sussurrar, às ocultas, não sei que ruindade:
Mas, no que a ele tange, a Fama não sussurra,
E toda a gente alto e bom som proclama que
Beleago é atiçador e pai de mentiras,
De cuja boca a verdade, tomada de terror, foge a sete pés.
Diante disto, que imparcial juiz sentencie
Se toda a gente anda a mentir, ou se
Beleago é um atiçador e pai de mentiras.²⁴

2.

[346]

Contra o mesmo

Beleago conhece de modo singular todas as artes,
Com a só excepção daquelas que leciona.
Beleago exercita à perfeição todas as artes,
Com a só excepção das que leciona.
E não existe outro usurário mais sábio do que ele,
Nem taberneiro algum mais finório do que ele,
Nem negreiro algum falsifica com mais destreza
Escravos e cavalos aleijados.

²⁴ O Mestre João da Costa, nas declarações prestadas durante o seu processo inquisitorial, disse o seguinte: “Mestre Belchior Beleago me quer grande mal. Este é tido por homem que nunca fala verdade e os mesmos seus sócios assim o dizem e lhe chamavam em Paris *maquinhon*, que quer dizer corretor de cavalos, porque é grande trabucador.” *Apud* artigo citado de António Cruz, 23.

Nec in macello ponderum minutias Sic lanius ullus exigit,	10
Lancem dolosam deprimitue cautius Fractis adaugens ossibus. Seplasiariae nec tabernae lucrio Interpolare astutior,	15
Nec publicanus e propinquis quispiam Ad omne lucrum acutior.	15
Et inter artes sordidas monopolium (Nam id laudo quod librarius) Exercet, unus et ueterementarius, Et unus est scrutarius	20
Negotiator, unus est magnarius, Et, si Lauerna fauerit, Ni fallor, unus esse uolet aquarius Vnusque latrinarius:	25
Sector, coactor, quadruplator, institor Textorque pictorque et coquus. Has tractat artes ille non incommode: Has nempe didicit et tenet	[348]
Quas est professus se tenere, non tenet. Nec tractat artes nec docet,	30
Nec scit docere, scit nec penitus studet, Sed olida conuictoribus Vt ponit hirci latera pro ueruecibus, Coruosque pro caponibus	35
Picasque, caueae mortuas in carcere, Pro phasianis suggerit: Sic ille misero credit auditorio Se facile posse imponere, Veterum sophorum sic nouis mendaciis Adulterare dogmata.	40
Cum syllogismi implicitus haeret retibus, Nutatque sudatque et stupet.	

Nem no talho açougueiro algum com a arte dele
Sabe lançar os pesos miudinhos
Ou com maior manha faz pender o mentiroso prato da balança,
Ajuntando-lhe esmigalhados ossos.
Nem o desonesto perfumista com loja na praça Seplásia
Tinha mais astúcias pra contrafação,
Nem siseiro algum é mais astuto
Pra deitar a mão aos bens do próximo.
E detém o monopólio sobre os ofícios sujos
(Deveras o louvo como copista de livros),
E é o único adeleiro, o único vendedor de ferro-velho,
O único negociante grossista e,
Se a deusa da ladroagem o bafejar,
Almejará ser, se não me engano,
O único aguadeiro e o único latrineiro,
E o único comprador de bens confiscados,
Cobrador de impostos, delator, bufarinheiro,
Tecelão, pintor e cozinheiro.
Ele dá conta menos mal destes ofícios:
É manifesto que os aprendeu e domina.
Mas aquelas artes que se comprometeu a dominar,
Nem as domina [248] nem as exercita, nem as sabe ensinar,
Nem se dá ao trabalho de aprofundá-las, mas,
Tal qual, ao invés de borrego,
Aos comensais serve fedorentas costelas de bode,
E põe na mesa corvos, em vez de capão,
E, em vez de faisão, lhes põe no prato pegas,
Que morreram no cárcere da gaiola:
Ele cuida que do mesmo modo facilmente pode
Enganar os mofinos alunos e, com novos embustes,
Falsificar as ensinanças dos antigos filósofos.
Quando se enleia nas redes do silogismo,
Hesita, sua e fica aturdido.²⁵

²⁵ Esta pouca suficiência na arte do silogismo aqui apontada ao mestre Beleago não o impediu de publicar em seu nome, em Coimbra, em 1549, pelos editores João de Barreira e João Álvares, e dedicado a D. João Afonso de Meneses (futuro arcebispo de Braga e filho do arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcelos e Meneses, de quem, com o título de bispo de Fez, mais tarde Beleago virá a ser coadjutor) um *Liber de Dialectica*.

Dein ceu solutum sit probe impudentia	
Quod peccat ignorantia,	
Et ridet ipse et ceteris est risui.	45
Cur ergo quae nescit docet?	
Quae scit docere, non docet? – Mendacium,	
Quod prima ei sit artium.	
Aduersus artis eius ut θεωρήματα	
Nec peccet imprudentia,	50
Quae nescit, illa scire profitetur palam	
Se scire, quae scit, pernegat.	

3.

[338]

In Beleagonem

Iudaeum, Beleago, quod negas te,
 Et uis testibus id probare magnis:
 Erras, testibus ista non probatur
 Res, ut scis, puto, mentula probatur.

Depois, tanto é certo que perde todo o pejo
 Quem erra por ignorância, ele não só se ri,
 Mas por igual move ao riso todos os demais.
 Porquê ensina então aquilo que não sabe?
 E não ensina aquilo que sabe? – Ou seja, a mentira,
 Que é pra ele a primeira das artes.
 E, para não errar por imprudência contra os *preceitos*²⁶
 Desta arte, proclama alto e bom som que sabe, o que não sabe,
 E nega a pés juntos saber, o que sabe.²⁷

3.

[338]

Contra Beleago

Beleago, enganas-te negando que és judeu
 E querendo prová-lo com *testemunhas* de peso:
 É cousa que não se prova com *testi...munhas*,
 Mas, como sabes (ao que cuido), com a verga.²⁸

²⁶ Em grego no original.

²⁷ Quadram aqui de molde as declarações de Diogo de Teive referentes a Belchior Beleago, proferidas aquando do seu processo inquisitorial: “Também Beleago me tem grande ódio, porque o tempo que eu servi de principal o repreendi muitas vezes, porque não entrava na classe pera ler senão muito tarde e depois de todos, o que lhe eu tinha a muito mal, repreendendo-o que não fazia bem seu ofício. (...) E porquanto seus discípulos se aqueixavam que ele não estudava e que perdiam o tempo, o admoestava e o repreendia, como pertencia a meu ofício, dizendo-lhe que deixasse as mercadorias que trazia entre mãos, de cavalos, de panos de linho e doutras cousas, e que deixasse de mandar imprimir livros alheos para ganhar dinheiro.” *O processo na Inquisição de Mestre Diogo de Teive*, publicado por Mário Brandão, separata do volume IV das *Notícias Cronológicas da Universidade de Coimbra*, de Francisco Leitão Ferreira, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1943, 175.

²⁸ Segundo penso, o Autor joga com o duplo sentido do vocábulo latino *testes* ‘testemunhas’ e ‘testículos’. A marca da procedência judaica de Beleago (entenda-se, a circuncisão) deveria buscar-se não nestas ‘testemunhas’, mas alhures, ainda que por perto. O P. Domingos Maurício, na p. 306 do artigo atrás citado, interpreta este poema de maneira diferente, e que me parece mais forçada e antinatural, vendo na palavra *puto* uma alusão ao excessivo pendor dos cristãos-novos para as práticas homossexuais: “característico, nesse tempo, entre cristãos-novos”, conforme afirma, de um modo que, até prova em contrário, julgo infundamentado: o que muito me espanta, por provir de um estudioso geralmente de grande ponderação e rigor.

4.

[345]

In Beleagonem

Huic, quem parentis colere debueras loco,
 Beleago, uiuo spolia detrahere cupis,
 Quod tu capellae non facis nisi mortuae.
 Lanium sciebant esse te cuncti, gradum,
 Vt carnifex sis, inde paulatim facis: 5
 Ne quaestus ullus non ferat lucrum tibi.
 Vt carnifex sis, artis auspiciū tuae
 Aliundae malim feceris. Visne ut tibi
 Dicam unde possis optime? Vt si etiam parum
 Ex arte facias, nil tamen peccaueris? 10
 – Suspende te ipsum! Etsi inepte id feceris,
 Omnes probabunt ceu foret factum optime.

B) Os amigos portugueses

[337]

Ad Antonium Goueanum

Si quidquam, Goueane, fas mihi esset
 Inuidere tibiue, Teuioe:
 Et te nostro ego Teuio inuiderem,
 Et nostrum tibi Teuium inuiderem.
 Sed cum me nihil inuidere sit fas 5
 Vel tibi, Goueane, Teuioe,
 Si fas est quod amor dolorque cogit,
 Vobis imprecor usque et imprecabor
 Vterque ut mihi sed cito rependat
 Hoc prauum ob facinus malumque poenas: 10
 Te mihi Teuius inuidere possit,
 Tu possis mihi Teuiuum inuidere.
 Ambobus mihi si frui licebit,
 Caelum diis ego non suum inuidebo,
 Sed sortem mihi dii meam inuidebunt. 15

4.

[345]

Contra Beleago

A este, a quem deverias honrar como um pai,
Desejas, Beleago, esfolá-lo ainda vivo,
Algo que não fazes às cabras senão depois de mortas.
Todos sabiam que eras magarefe e, passo a passo,
Vais-te aprimorando neste ofício,
Tendo por fito tornar-te algoz:
Pra que não haja mester algum
De que pra ti não provenha lucro.
Se o fito é te tornares algoz,
Achava preferível que começassem alhures
O tirocínio da tua arte.
Queres que te diga onde podes fazê-lo à maravilha?
De modo tal que, ainda que atues pouco segundo as regras,
mesmo assim não estás a incorrer em erro?
— Olha, enforca-te a ti mesmo!
Mesmo que o faças de modo incompetente,
Terás a aprovação geral,
Como se o tivesses feito da melhor maneira.

B — Os amigos portugueses

[337]

A António de Gouveia

Se, ó Gouveia, lícito me fosse alguma coisa te invejar,
Ou a ti ou a Teive: eu ao nosso Teive
Gouveia invejaria, e a ti invejaria o nosso Teive.
Mas, como não me é lícito invejar coisa nenhuma:
Quer a ti, Gouveia, quer a Teive,
(Se é lícito aquilo a que a dor e o amor obrigam),
A ambos sem cessar suplico e rogarei
Que ambos, sem detença, deste cruel agravo me ressarciais,
Por forma a que Teive possa invejar-me Gouveia
E que tu possas invejar-me Teive.
Se consentido me for gozar de ambos,
Aos divos não invejarei seus céus,
Mas de minha sorte sentirão inveja os divos.

Resumo: Neste artigo reúnem-se e traduzem-se, contextualizadas e comentadas, as composições poéticas de George Buchanan relacionadas com o Brasil. Aproveita-se o ensejo para publicar e traduzir alguns outros poemas do humanista escocês diretamente relacionados com pessoas e coisas portuguesas.

Palavras-chave: Brasil; George Buchanan; homossexualidade; Belchior Beleago; antisemitismo; nicotina.

Resumen: En este artículo se reúnen y traducen las composiciones poéticas de George Buchanan relacionadas con Brasil, acompañadas de contextualización y comentario. Al mismo tiempo se publican y traducen otros poemas del humanista escocés directamente relacionados con personas y asuntos portugueses.

Palabras clave: Brasil; George Buchanan; homosexualidad; Belchior Beleago; antisemitismo; nicotina.

Résumé: Dans cet article nous réunissons et traduisons les compositions poétiques, contextualisées et commentées, de George Buchanan qui se trouvent liées avec le Brésil. Nous profitons également de l'occasion pour publier et traduire certains autres poèmes de l'humaniste écossais directement liés aux gens et aux choses portugaises.

Mots-clé: Brésil; George Buchanan; homosexualité; Belchior Beleago; antisémitisme; nicotine.